

Folha da Tarde e o discurso pró-golpe de 1964¹

Mario Luiz Fernandes ²

Alline Ribeiro de Góis³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO: Este estudo analisa o discurso do jornal Folha da Tarde, de Corumbá (MS), em relação ao golpe militar instaurado em 1964. Tem como referencial teórico-metodológico a Hermenêutica de Profundidade, de Thompson (2011). Assim como ocorreu com expressiva parcela da imprensa brasileira, o jornal pesquisado também apoiou a instauração do golpe militar.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Folha da Tarde; Corumbá; Ditadura Militar.

Introdução

A imprensa do sul de Mato Grosso uno e que em 1977 se configurou no estado de Grosso do Sul, sempre teve fortes laços político-partidário. Podem ser citados como exemplos os jornais publicados em meados do século XX: em Três Lagoas, o Partido Social Democrático (PSD) lançou o *Jornal do Povo* em 1949 e *O Progresso* em Dourados em 1951; a União Democrática Nacional (UDN) lançou o *Correio do Estado* em Campo Grande em 1954; em 1958, lideranças políticas descendentes da UDN e do PSD atuaram na criação da *Folha da Tarde*, em Corumbá. As duas siglas, ao lado do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) constituíam os maiores partidos do país entre 1945 e 1964 e por meio dos jornais amplificavam debates políticos e ideólogos das tribunas para a esfera pública.

Naquele período, Corumbá contava com três periódicos principais: *O Momento*, *Tribuna* e a *Folha da Tarde*, que tiveram importante papel na história da imprensa local. A *Folha da Tarde* foi lançada em 1º de maio de 1958, por Salomão Baruki, que tinha como sócios Pedro Valle e José Feliciano Baptista Neto. Circulava de segunda-feira a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: mario.fernandes@ufms.br

³ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: goisalline@gmail.com

sábado, diagramado em seis colunas. Além do apoio do PSD e UDN, tinha estreita ligação com a Igreja Católica.

Após o golpe de 1964, os partidos foram extintos e substituídos pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), os dois únicos partidos legalizados. A UDN foi uma das bases da Arena, partido de sustentação do regime militar, e a *Folha da Tarde* apoiou o golpe, do mesmo modo como fez o *Correio do Povo* em Campo Grande.

Tendo como referencial teórico-metodológico a Hermenêutica de Profundidade formulada por Thompson (2011), este estudo analisa a estratégia discursiva adotada pela *Folha da Tarde* visando persuadir a opinião pública e legitimar o golpe militar de 1964. Conforme Silva (2017), expressiva parcela da imprensa brasileira atuou como “intelectual orgânico”, como agente que contribuiu para difundir a ideologia dominante e para construir consenso para derrubar o presidente João Goulart.

Thompson (2011) desenvolveu a Hermenêutica de Profundidade (HP) para analisar as estratégias discursivas utilizadas pela mídia para disseminar valores ideológicos da classe dominante. O método apresenta cinco categorias para análise do texto: *legitimação*, *dissimulação*, *unificação*, *fragmentação* e *reificação*, que serão aplicadas aqui com suas respectivas estratégias⁴

Análise e discussão

Para analisar a narrativa do jornal em defesa do golpe, foram consideradas duas notícias publicadas já nos dias 2 e 3 de abril de 1964, respectivamente: “A democracia soberana no Brasil”; “Iniciado o expurgo dos traidores da Pátria”. Seguindo diretrizes da Análise de Conteúdo (AC) (Bardin, 2004), a primeira foi enquadrada na temática “revolução”, pois define o golpe como uma revolução necessária à estabilidade do país; a segunda foi enquadrada na temática “movimento comunista”, uma vez que o comunismo era apresentado como uma ameaça que precisava ser eliminada.

⁴ *Legitimação*: a dominação pode ser estabelecida e sustenta, pois é apresentada como digna de apoio. Tem fundamentos racionais, tradicionais e carismáticos. *Dissimulação*: pode ser estabelecida e sustentada pela ocultação, negação ou obscuridade dos fatos, ou pelo desvio da atenção do público da questão central. *Estratégias*: deslocamento, eufemização e tropo. *Unificação*: constrói uma identidade coletiva por meio de formas simbólicas. *Estratégias*: padronização, simbolização de unidade fragmentação. *Reificação*: acontecimentos são retratados como naturais, permanentes e atemporais e seu caráter sócio-histórico é ofuscado. *Estratégias*: naturalização, eternalização, nominalização e passivação (Thompson, 2011).

Da matéria “A democracia soberana no Brasil” foram extraídas as seguintes *unidades de registro* que evidenciam o posicionamento pró-golpe:

Categoria Temática “Revolução” – Folha da Tarde 02/04/1964
1. A Democracia soberana no Brasil – Falhou a tentativa de cubanização de nossa pátria. 2. O movimento de restauração do império da lei e da ordem eclodido em Belo Horizonte sob o comando civil do ínclito governador Magalhaes Pinto, e que recebeu imediatamente a cobertura militar do General Mourão Filho, comandante da 4ª região Militar sediada em Juiz de Fora mereceu o apóio de toda a Nação. 3. O fracasso da reação dos grupos sindicais corrompidos CGT, PUA etc – demonstrou cabalmente que o operário brasileiro é patriota e democrata. No Brasil não existe clima para o comunismo ateu e totalitário. 4. Não devemos repetir os erros anteriores, poupando condescendentemente esse núcleo pernicioso. O povo brasileiro, que agora comemora nas ruas a vitória da democracia confia nos seus líderes que desta vez não haverá complacência desnecessária. A causa está ganha. Faz-se mister a limpeza da área. 5. [...] o país vai retornando à normalidade e as autoridades empenham-se pressurosas em restaurar o império da lei e da ordem em todo o território nacional.

A *unidade* “A Democracia Soberana no Brasil – falhou a tentativa de cubanização da pátria” legitima o movimento golpista e desmoraliza o movimento de oposição. Reforçando o modo *legitimação* do golpe, são apresentados os enunciados: “Movimento de restauração do império da lei e da ordem” (2), e “[...] à normalidade e as autoridades empenham-se pressurosas em restaurar o império da lei e da ordem em todo o território nacional” (5). Por meio da estratégia da *racionalização*, busca persuadir o leitor em torno da causa, ou seja, de que golpe era um movimento justo e “digno de apoio”.

Para sustentação desse discurso foi produzida a comoção nacional para assegurar a democracia, a liberdade e a soberania popular, em oposição à ditadura comunista. A concepção era que o regime de exceção teria legitimidade se houvesse o desenvolvimento capitalista e o combate ao comunismo. O adjetivo “soberana” é incisivo em demonstrar que a ideologia dominante prevaleceu e que as autoridades lutaram para garantir o desenvolvimento capitalista associado à defesa da segurança interna contra o “inimigo interno”, que buscava “cubanizar” a pátria.

As estratégias de *unificação* são evidenciadas nas *unidades*: (2) “mereceu o apoio de toda a nação” e “o operariado brasileiro é patriota e democrata”; (4) “o povo brasileiro, que agora comemora nas ruas a vitória da democracia confia nos seus líderes”. O jornal exalta o cidadão, o operário, o patriota, como um grupo social único, sem divergências, unido em defesa da pátria, da democracia, da restauração da ordem social. Ordem essa

que foi abalada pelas reformas de base propostas por Goulart, e classificada pelo discurso hegemônico como “antimodernas, retrógradas, inexequíveis, demagógicas, populistas e suprema chantagem da época, comunistas” (Silva, 2017, p. 11-12).

Do outro lado, busca desmobilizar os opositores. A *unidade* (1) “Falhou a tentativa de cubanização de nossa pátria”, utiliza a *dissimulação* por meio do *deslocamento*, ou seja, o termo “cubanização” é utilizado para se referir ao suposto processo de esquerdização do Brasil, inspirado na Revolução Cubana liderada por Fidel Castro. Cubanizar seria seguir os caminhos de Cuba para instaurar uma revolução agrária que transformasse o Brasil em Estado socialista. Conforme Balthazar (2017, p. 47), “o termo cubanização ganhou impulso no Brasil na década de 1960, principalmente, no Nordeste brasileiro e ao longo do mandato de João Goulart (1961-1964).”

Novamente, os reforços para a desmoralização dos opositores estão presentes nas *unidades* (3) – “o fracasso da reação”, “corrompidos” e “não existe clima para o comunismo ateu e totalitário” –; (4) – “núcleo pernicioso” –; (5) – “limpeza de área” – estão presentes a *fragmentação* por meio da estratégia do *expurgo do outro* – que se baseia na construção de um inimigo interno ou externo.

A *unidade* “Faz mister limpeza de área” (5) faz referência à “Operação Limpeza”, instalada pelo Comando Supremo da Revolução, que cassou mandatos de políticos e realizou diversas prisões no território nacional. Após a deposição de Goulart, mais de 5 mil pessoas foram presas, segundo a embaixada norte-americana. Foram criados instrumentos jurídicos para produzir essa limpeza, entre eles o Ato Institucional nº 1, que possuía 11 artigos que ampliavam os poderes do Executivo, limitavam os do Congresso e do Judiciário (Gaspari, 2002).

Entre 1964 e 1966, no governo Castello Branco, a perseguição aos “subversivos”, segundo o *Projeto Brasil Nunca Mais*, resultou em 2.127 pessoas processadas. O exército foi o principal agente da repressão, responsável direto por 1.043 prisões, além de outras 884 pelos DOI-CODIS. Corumbá e região também tiveram cidadãos processados.

A segunda matéria analisada neste estudo foca o combate ao comunismo, da qual foram extraídas as *unidades de registro* no quadro a seguir:

Categoria Temática “Movimento Comunista” – Folha da Tarde 03/04/1964

1. Iniciado o expurgo dos traidores da Pátria – Após a espetacular vitória da democracia, as autoridades do novo governo apressam-se em desinfetar os núcleos perniciosos.
2. O que havia era uma minoria perigosa e atuante, especializada na guerra política que agora, com a vitória, deve ser neutralizada para sempre.
3. O fracasso da reação dos grupos sindicais corrompidos CGT, PUA etc – demonstrou cabalmente que o operário brasileiro é patriota e democrata. No Brasil não existe clima para o comunismo ateu e totalitário.

Intitulada “Iniciado o expurgo dos traidores da Pátria”, a matéria utiliza o modo de operação de *fragmentação* e a estratégia do *expurgo do outro* – que visa a construção de um inimigo, retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou expurgá-lo (Thompson, 2011, p. 87). Seguindo essa mesma estratégia de *expurgo*, o texto emprega pejorativos como “traidores”, “perniciosos”, “ateu” e “totalitário”. Ao contrário da *unificação*, busca-se segmentar e criar rejeição aos grupos de oposição como minorias que não correspondem aos valores e interesses da classe dominante.

Ainda na *unidade 1*, a *Folha da Tarde* utiliza os enunciados “desinfetar os núcleos perniciosos” e “traidores” para denominar aqueles iriam implantar uma revolução nos moldes do governo cubano. A contraposição de argumentos retratava a oposição como inimiga, ao mesmo tempo em que buscava unificar os cidadãos comprometidos com a “revolução”, definindo-os como “patriotas e democratas”. Ao “desinfetar” os “perniciosos” o jornal os desqualifica como uma doença, um perigo à saúde – nesse caso, à saúde da democracia e o bem-estar dos patriotas.

Nas *unidades (2)* – “[...] minoria perigosa e atuante, especializada na guerra política [...]” e (3) – “fracasso da reação” –, ocorre a desmoralização do comunismo ao retratá-lo como uma minoria que fracassou diante a “revolução” que restabeleceria a ordem e asseguraria a democracia. É reforçada a narrativa de *expurgo* e de combate a um segmento social – que não representava a maioria da população brasileira – que era patriota e prezava pela democracia. Em especializada na “guerra política”, vincula-se à oposição a imagem de instigadores de subversão contra o governo legitimamente constituído e as instituições democráticas. Constituindo, portanto, agressão política.

Por fim, o comunismo é ressaltado como ateu e totalitário (3). Neste enunciado, busca-se enquadrar os militantes da oposição como desprovidos de religiosidade, que negam a existência de Deus. O ateísmo era inconcebível para a classe média urbana –

impulsionada por políticos conservadores, pela elite empresarial e pelos movimentos feministas –, que se reuniram nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade em várias cidades às vésperas do golpe. A marcha defendia os ‘valores tradicionais cristãos’ – o terço e o rosário, o matrimônio, a família – e as ‘liberdades individuais’ – liberdade de expressão e religiosa, propriedade privada (Condato; Oliveira, 2004, p. 273-274). De um lado o comunismo como regime político totalitário que regulamenta todos os aspectos do corpo social, tanto privado como público; do outro, o “movimento revolucionário” que manteria as liberdades individuais, a propriedade privada entre outros pressupostos.

Considerações finais

A imprensa teve forte atuação para legitimar o golpe military de 1964 e esse papel não ficou restrito aos grandes veículos das principais capitais do país como a Rede Globo ou o jornal *O Estado de São Paulo*. Em Campo Grande (MT), o *Correio do Estado* conformou em sua edição de 13/04/1969: “[...] no que diz respeito a Mato Grosso. As nossas edições são testemunhas do muito que este diário lutou pregando a reforma que a Revolução acabou realizando no Brasil. Nós também contribuimos com a nossa parcela”.

Em Corumbá, o posicionamento da *Folha da Tarde* não foi diferente e se utilizou de diferentes recursos em suas matérias jornalísticas para influenciar a opinião pública em favor do golpe. Nas duas matérias analisadas utilizou componentes de *legitimação* e *unificação*, com suas respectivas estratégias, para enaltecer o movimento dos militares. Por outro lado, utiliza-se da *fragmentação* e da estratégia do *expurgo do outro* para colocar oposição contra a opinião pública e assim legitimar o golpe.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. **A participação da imprensa na queda do Governo Goulart**. IN: FICO, Carlos, CASTRO, Celso; MARTINS, Ismênia de Lima et al. 1964-2004 – 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

CORRÊA, W. B. **Corumbá: terra de lutas e sonhos**. Campo Grande: Senado Federal, 2006.

BALTHAZAR, P. H. B. **A “cubanização” do Brasil e o mundo rural: a crise do governo Goulart (1961-1964) na imprensa carioca**. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CONDATO, A. N.; OLIVEIRA, M. R. **A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.24, nº47, p.271-302 – 2004.

FERNANDES, M. L. Política de Penas e Espadas: **O discurso da imprensa republicana catarinense (1885-1889)**. 2007. 263f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, J. M. **1964**: Golpe midiático-civil-militar. Porto Alegre: Sulina, 8ª edição, 2017.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.